



Editorial

O número 24 da Revista *Temporalidades* inaugura a chegada de seu novo Conselho Editorial (2017/2018) eleito pela comunidade discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Os desafios têm sido muitos e são atravessados pelo atual cenário de desmantelamento do Estado brasileiro do qual as universidades públicas são vítimas. Contudo, nossas ações seguem sendo norteadas pelo propósito de ofertar à comunidade acadêmica instrumento de relevância para a divulgação do conhecimento histórico em sua múltipla diversidade, e esperamos seguir contribuindo para o fortalecimento das publicações em nossa área e afins.

Este dossiê, “Revoltas e Revoluções no século XX”, inspirou-se no centenário da Revolução Russa completado em 2017. Esse acontecimento histórico não apenas inaugurou um novo regime que por longo tempo permaneceu no poder, mas também serviu de inspiração para outros projetos revolucionários. É objeto de investigação consolidado, mas que ainda levanta questões e polêmicas, e guarda distintas dimensões que carecem de análise mais aprofundada. Como é comum em efemérides que assinalam números redondos, 2017 colocou o tema da Revolução Russa em evidência, trazendo consigo seus temas correlatos: o comunismo, o totalitarismo, a União Soviética e os muitos projetos revolucionários, vitoriosos ou derrotados, do século XX.

O século que o historiador Eric Hobsbawm chamou de “breve” em “Era dos Extremos”, presenciou mais (e maiores) revoluções do que qualquer outro da história escrita. O ato fundamental desses processos, a Revolução de Outubro de 1917, produziu, segundo ele,

[...] de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado da história moderna. Sua expansão global não tem paralelo desde as conquistas do islã em seu primeiro século. Apenas trinta ou quarenta anos após a chegada de Lenin à Estação Finlândia em Petrogrado, um terço da humanidade se achava vivendo sob regimes diretamente derivados dos ‘Dez dias que abalaram o mundo’[...]¹.

A Revolução Russa, aquela que talvez promettesse concretizar o que a Revolução Francesa não foi capaz, evidenciava que, segundo as palavras de Hobsbawm, “A humanidade estava à espera de uma alternativa”². E a passagem dessa espera à ação para buscar alternativas se deu de diversas maneiras e intensidades em inúmeras partes do globo ao longo do século. São eventos, processos e projetos com implicações políticas, sociais, econômicas e culturais que colocavam em cena ao

¹ HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 62

² _____. **A era dos extremos**, p 62.



menos a possibilidade de transformações radicais acerca do estar no mundo e em sociedade.

Não resta dúvida, portanto, de que o século passado foi cenário de intensa efervescência política e a Revolução Russa desponta como acontecimento ímpar ao lado da Revolução Cubana de 1959. Tais eventos refletem as utopias, as mudanças de paradigmas e a bipolarização geopolítica que marcaram profundamente aquele século. Seus ecos ainda se fazem presentes e 2017 estimula que os olhares e as atenções de muitos se voltem para esse tema: seja para tão somente relembrá-lo ou lançar novas perspectivas sobre velhas questões. Discutir a “revolução” em suas amplas dimensões representa desafio instigante e necessário.

Oportunamente, agradecemos ao Professor Luiz Duarte Haele Arnaut, do Departamento de História da UFMG, organizador deste dossiê. Buscando aprofundar alguns pontos, esta edição traz ainda entrevista com o historiador Daniel Aarão Reis, que há longo tempo pesquisa o tema e sobre o qual fez algumas reflexões que muito contribuem para o adensamento dos debates. Agradecemos ao nosso entrevistado por sua contribuição com este número.

Os trabalhos que compõem a seção de Artigos Livres trazem reflexões diversas que, esperamos, sirvam de estímulo para novos diálogos no debate historiográfico e ajudem a consolidar a Revista *Temporalidades* como espaço sofisticado de divulgação do conhecimento.

“O trânsito de Vênus: a ciência entre a política e a vocação”, de Alexandra do Nascimento Aguiar, discute o papel do Imperial Observatório do Rio de Janeiro na mobilização internacional ocorrida em 1882 para estudar o trânsito de Vênus e como a participação do Brasil nesse evento foi objeto de embate político entre partidos, Legislativo e Executivo.

“Casas bandeiristas’ na construção da identidade paulista: um estudo da casa seiscentista de Santana de Parnaíba/SP”, de Daniel Benedito, se vale da memória tecida pelos órgãos de preservação do patrimônio em torno do tombamento de uma casa de taipa de pilão na cidade Santana de Parnaíba, São Paulo, e da criação de um museu no local que apaga o pertencimento dessa casa a ex-escravos para enaltecer a mítica do passado bandeirante paulista. Discute-se, assim, as relações entre história e memória, políticas culturais, preservação do patrimônio e exclusões promovidas por determinados projetos de nação.

“Quixadá e o golpe de 1964: memórias (des)encontradas em face ao novo regime”, de Danilo Vieira Coelho, problematiza a construção de algumas memórias forjadas na cidade de Quixadá, interior do Ceará, a respeito do golpe civil-militar que inaugurou uma ditadura no Brasil, atentando para as disputas de narrativas acerca desse acontecimento histórico.



“O monumento ao Marechal Floriano Peixoto (1910) e a construção do imaginário republicano”, de David Regenberg, apresenta as diferentes leituras que esse monumento, construído no Rio de Janeiro sob os princípios da arte positivista, suscita e como se liga à formação e disputa pelo imaginário republicano no Brasil.

“*La Epopeya de Artigas, identidade e união nacional uruguaia no governo batllista (1903-1910)*”, de Elvis de Almeida Diana, propõe reflexão sobre a revitalização da identidade nacional uruguaia oficial a partir da obra de Juan Zorilla de San Martín, publicada em 1910, acerca da independência liderada pelo herói nacional José Artigas.

“Transformações técnicas das lutas sob uma óptica da História Social: o boxe inglês entre os séculos XVIII e XIX”, de Fabrício Pinto Monteiro, discute como a História Social pode contribuir para se compreender as transformações técnicas de formas de luta no tempo.

“Petróleo, uso práctico del pasado y construcción de heroicidad en una historieta argentina: ‘Enrique Mosconi. Una historia de novela’”, de Gabriel Alejandro Carrizo, aborda os usos práticos do passado a partir de uma análise de diferentes usos da figura do General Enrique Mosconi - símbolo máximo do nacionalismo petrolífero na Argentina -, seja por nacionalistas, peronistas, militares e setores da esquerda que o reivindicaram ao longo do século XX.

“*O Vigia de O Sol é Para Todos: representações do racismo e das relações raciais sulistas na obra de Harper Lee*”, de Henrique Goulart, propõe-se a uma leitura crítica do romance *O Sol é Para Todos*, publicado em 1960 e adaptado para o cinema em 1962. Tem como foco as representações históricas produzidas sobre os embates raciais vividos pelo Sul dos Estados Unidos no contexto do Movimento pelos Direitos Civis, comparando-as a versão original da obra, intitulada de *Vá, coloque um vigia*.

“Sobre os ‘vendavais’: história, memória e a efígie de Costa e Silva (Taquari/RS, 1976-2016)”, de Márcia Solange Volkmer e Jandiro Adriano Koch, traz uma análise do processo de produções de sentidos e usos do busto do ex-ditador Arthur da Costa e Silva, construído em Taquari em 1976 e posteriormente demolido em 2016, bem como os impasses ocasionados por essa demolição no tempo presente.

“Chico Buarque: dramaturgo (1967-1978)”, de Mariana Rodrigues Rosell, busca, a partir de uma análise das quatro peças teatrais escritas por Chico Buarque – “Roda Viva”, “Calabar, o elogio da traição”, “Gota d’Água” e “Ópera do Malandro” -, traçar uma linha de trabalho entre elas, contribuindo para o adensamento das abordagens que relacionam história e teatro.



“Minha honra se chama lealdade: a mítica cavaleiresca no imaginário nacional-socialista – usos propagandísticos de um passado literário (1933-1945)”, de Maurício da Cunha Albuquerque, Fernando de Oliveira Botafogo e Rafael Oliveira Mansan, se debruça sobre artefatos publicitários do Partido Nazista que evocam ícones, símbolos e padrões imagéticos baseados na figura do cavaleiro medieval enquanto construção mítica.

“O pincel de Timantes: pintura, erudição e panegírico na *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita (1730)”, de Pedro Telles da Silveira, lança o olhar para problemas da historiografia setecentista a partir da análise da obra de Rocha Pita, particularmente dos usos que este fez de referências pictóricas, gerando uma escrita da história próxima ao panegírico.

Encerrando a seção de Artigos Livres, “Súditos da ‘Princesa do Igarauçu’: trabalhadores em Parnaíba-PI na década de 1970”, de Pedro Vagner Silva Oliveira, analisa a partir da imprensa os trabalhadores que moravam e trabalhavam nos povoados da Ilha Grande de Santa Isabel, lançando luz sobre esses sujeitos históricos.

Com esses artigos, a Revista *Temporalidades* reafirma seu compromisso com a produção e o debate acadêmico, e com a circulação do conhecimento histórico. Desejamos a todas e a todos uma ótima leitura!

Henrique Brener Vertchenko

João Batista Teófilo Silva